

# AGOSTINHO DE HIPONA: UM ESTUDO ACERCA DA CONCEPÇÃO DE MESTRE NA IDADE MÉDIA

Lara Beloto Gardinal <sup>1</sup>  
Terezinha Oliveira <sup>2</sup>  
Mariana Vieira Sarache <sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a concepção de mestre, no início da Idade Média, para Agostinho de Hipona. Tendo em vista essa questão estudamos aspectos sociais do período de mudança histórica, o fim da Idade Antiga e o início da Idade Média, aproximadamente entre os séculos V e VI. Essa reflexão busca considerar como a figura do mestre se constitui em ‘peça-chave’ para a formação do homem cristão a partir do papel que exerceu como educador na permanência do conhecimento e valores filosóficos na Antiguidade. e da permanência do conhecimento filosófico da antiguidade. Para isso, analisaremos obras de Santo Agostinho (354-430) *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã* (397 d.C.) e *De Magistro* (389 d.C.) e observarmos como se manifestam nelas o projeto pedagógico para a formação do homem. Cumpre observar que basearemos nossa pesquisa nos princípios teóricos da história social, fundamentando-nos teoricamente em Marc Bloch (1886 - 1944) e Jacques Le Goff (1924-2014). Ressaltamos que, por meio do estudo da história, podemos conhecer diferentes períodos e investigá-lo. Nosso estudo, por se tratar fundamentalmente sobre a concepção de mestre, propõe refletir sobre a importância desta temática para o curso de pedagogia, já que a formação de um docente está estreitamente vinculada com a educação que os cidadãos de uma sociedade recebem nas escolas. Ressaltamos que nosso estudo é de cunho bibliográfico, pois nele fizemos uso de livros, de artigos, de plataformas de trabalhos científicos, de obras que se configuram como fontes primárias e secundárias.

---

<sup>1</sup> Acadêmica; estudante de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá - UEM. Participou do Projeto de Iniciação Científica – PIC. E-mail: [belotolara@outlook.com](mailto:belotolara@outlook.com).

<sup>2</sup> Orientadora; Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Líder do Grupo Transformações Sociais e Educação nas épocas Antiga e Medieval - GTSEAM. E-mail: [teleoliv@gamil.com](mailto:teleoliv@gamil.com).

<sup>3</sup> Coorientadora; coordenadora pedagógica, Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Mestrado em História e Historiografia da Educação pela mesma Universidade. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UEM. E-mail: [vieiramari718@gmail.com](mailto:vieiramari718@gmail.com).

**Palavras Chaves:** História da Educação Medieval; Intelectual; Igreja; Escola; Mestre.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the concept of master, in the early Middle Ages, for Augustine of Hippo. In view of this question, we studied the social aspects of the period of historical change, the end of the Ancient Age and the beginning of the Middle Ages, approximately between the 5th and 6th centuries. This reflection seeks to consider how the figure of the master constitutes a 'key piece' for the formation of the Christian man based on events from the time of Augustine Hippo and the permanence of ancient philosophical knowledge. For this, we will analyze the works of Saint Augustine (354-430) and observe how the pedagogical project for the formation of man is manifested in them. It should be noted that we will base our research on the theoretical principles of social history, based theoretically on Marc Bloch (1886 - 1944) and Jacques Le Goff (1924-2014). We emphasize that, through the study of history, we can know different periods and investigate it. Our study, because it is fundamentally about the conception of a teacher, proposes to reflect on the importance of this theme for the pedagogy course, since the training of a teacher is closely linked to the education that citizens of a society receive in schools. We also warn that our study is a bibliographic feature, as we used books, articles, scientific work platforms, works that are configured as primary and secondary sources.

**Keywords:** History of Medieval Education; Intellectual; Church; School; Teacher.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo refletir acerca da concepção de mestre de Agostinho de Hipona (354 d.C.– 430 d.C.), no âmbito da História da Educação. O estudo considerou o modo como essa concepção estava vinculada ao projeto de formação do homem cristão. Trazemos como fontes principais para desenvolver nossa análise, duas obras do bispo de Hipona que são: *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã* (397 d.C.) e *De Magistro* (389 d.C.). Para o estudo delas nos pautaremos na história social, particularmente, em obras de autores como Marc Bloch (1886 - 1944) e Jacques Le Goff (1924-2014).

Iniciaremos nossas reflexões sobre o tema, observando acontecimentos históricos entre os séculos IV (301 d.C a 400 d.C) e V (401 d.C a 500 d.C) que compreendemos como relevantes para nossa pesquisa. Para isso, usamos a obra *A Civilização do Ocidente Medieval* (1964), escrita pelo historiador francês Jacques Le Goff que dedicou-se neste estudo à dissertar sobre a Idade Média.

Segundo o autor, o Império Romano, no final do século IV fora dividido e se esfacelou. Na parte do Ocidente, o imperador Teodósio estabeleceu, em 395 d.C, a divisão definitiva entre o Império Romano do Ocidente (com a capital em Roma) e Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino (com a capital em Constantinopla). Levando em consideração nosso autor Agostinho de Hipona, manteremos o foco no Império Romano do Ocidente.

De acordo com o historiador francês, o Império Romano foi um dos mais pujantes já existente, a cidade de Roma fora construída por detrás de uma muralha, e sua economia era alimentada pelo sucesso nas guerras que provinha de mão de obra e metais preciosos.

Porém, após uma sequência de acontecimentos como indica Le Goff, surgiram os primeiros sinais em relação à ruína do Império romano.

Na data de Trajano, e o ouro dos Dácios em 107, e foi o último alimento de sua prosperidade. Ao esgotamento exterior junta-se a estagnação interior. Em primeiro lugar, há a crise demográfica, que aumenta a penúria de mão-de-obra escrava. No século 2º Marco Aurélio conteve o assalto dos bárbaros no Danúbio, onde morreu em 180; o século 3º assistiu a um assalto geral às fronteiras do limes, e este assalto foi apaziguado menos pelos sucessos militares dos imperadores ilírios' e de seus sucessores ao fim do século e mais em razão da tranquilidade reinante após a acolhida. Dos bárbaros como federados, como aliados fronteiriços do Império. Eram os primeiros sinais de uma fusão que caracterizaria a Idade Média. (LE GOFF, 2005, p. 20)

Diante do que é apontado, o povo romano ficou sem alimentos e mão de obra, causando assim uma crise no interior do império e em seu exterior, por conta do enfraquecimento de seu exército. Ocorreu a aliança entre os romanos e os bárbaros que viviam na fronteira, como forma de “proteção” daqueles que queriam saquear Roma.

No início do século V, os vândalos chefiados por Alarico saquearam Roma. A ordem antiga chegara ao fim.

As incursões do século V, deixou as chagas mal cicatrizadas - campos destruídos, cidades arruinadas -, precipitou a evolução econômica - declínio da agricultura, recuo urbano -, a retração demográfica e as transformações sociais (LE GOFF, 2005, p. 21)

Neste cenário, temos a ideia de que Roma ficou completamente destruída, sem nenhuma instituição que representasse a cultura romana. Le Goff aponta um dos motivos de tamanha guerra e devastação.

Alarico considerou as igrejas cristãs locais de asilo e as respeitou. "Todas as destruições, os massacres, pilhagens, incêndios e os maus tratos cometidos neste desastre recente de Roma devem-se aos costumes de guerra. Mas aquilo que aconteceu de modo novo, esta selvageria bárbara que, por uma prodigiosa mudança da face das coisas, pareceu tão suave a ponto de escolher e designar as mais vastas basílicas, para enchê-las de gente do povo, nas quais ninguém seria tocado, das quais ninguém seria retirado, às quais muitos foram levados por inimigos compadecidos para que fossem libertados, e das quais ninguém seria levado em cativeiro mesmo por inimigos cruéis: isto foi em nome de Cristo, e deve ser atribuído aos tempos cristãos (LE GOFF, 2005, p. 25).

Reportando-nos aos anos de grandeza do Império Romano, lembramos que o povo vivia do que era provido das vitórias na guerra, com isso, a cultura de guerrear por território era algo comum, o exército romano era impetuoso em suas guerras. É importante observar que o rei Alarico diferente dos romanos, teve um olhar cauteloso em relação aos cristãos. Ele designou que as pessoas que estivessem dentro da igreja, não sofreriam nenhum ataque, pois ele considerava a igreja um local sagrado e que deveria ser respeitado. Face a esse cenário, essa instituição romana se tornou um asilo para o povo, transmitindo segurança para aqueles que se sentiam ameaçados pelos bárbaros. Neste momento, o poder que antes era centralizado no imperador se descentralizou e cada tribo bárbara tinha seu líder.

No ano de 476 d.C, o último imperador foi deposto, marcando a queda definitiva do Império do Ocidente, de acordo com os historiadores. Le Goff relata que nesse momento.

Odoacro depôs o imperador do Ocidente Rômulo Augustulo, enviou as insígnias imperiais ao imperador Zenão, em Constantinopla, dizendo-lhe que apenas um imperador bastava. "Nós admiramos os títulos conferidos pelos imperadores mais que os nossos", escreveu um rei bárbaro a um imperador. O mais poderoso deles, Teodorico, adotou o nome romano de Flavius, escreveu ao imperador qualificando-se como ego qui sum servus vester et filius (eu que. sou vosso escravo e vosso filho) e declarando que sua única ambição era fazer de seu reino "uma imitação do vosso, uma cópia de vosso império sem rival".(LE GOFF, 2005, p. 26)

Nesse caso, os bárbaros demonstram interesse no modo de vida romano, e pretende imitar o império do oriente, visto que, este ainda não havia caído. Os chefes bárbaros de acordo com o medievalista, solicitava ao povo romano, para que eles fossem seus conselheiros, ou seja, eles tinham admiração pelos costumes romanos.

Enquanto o Império sofria com a crise, (Le Goff, 2005. p. 20), apresenta que:

“Os imperadores pensavam conjurar o destino ao trocar os deuses tutelares, que haviam falhado, pelo Deus novo dos cristãos. O Imperador Constantino 313 com o Édito de Milão, proclamou a liberdade para cultuar qualquer Deus no território romano. E em 380 por meio da lei Édito de Tessalônica o cristianismo se tornou religião oficial do império, por ordem do imperador Teodósio I, mediante a estes acontecimentos observamos que a igreja católica em meio à crise do império já começara a ganhar forças. Em contrapartida, Le Goff, expõe que a igreja vê na estrutura do império, uma base para se reafirmar, diante disto o cristianismo dominaria essa “idade intermediária.”

A igreja católica, com o cristianismo já considerado como religião pela maioria dos homens, desempenhou na sociedade da época, um papel central, fundamental.

Os bispos e monges tornaram-se chefes polivalentes de um mundo desorganizado: ao seu papel religioso agregaram um papel político ao negociar com os Bárbaros; econômico, ao distribuir víveres e esmolas; social, ao proteger os pobres contra os poderosos; até mesmo militar, ao organizar a resistência ou lutar "com armas espirituais" quando as armas materiais não existiam. Por força das circunstâncias, tinham feito o aprendizado do clericalismo, da confusão dos poderes. Pela disciplina penitencial, pela aplicação da legislação canônica (o princípio do século 6º é a época dos concílios e dos sínodos em paralelo aos códigos civis), tentavam lutar contra a violência e moderar os costumes. (LE GOFF, 2005, P.40)

Isto é, o trabalho da Igreja foi evangelizar, organizar e moldar os homens daquela época, para contribuir com a civilização da sociedade. O historiador francês, evidencia que a religião não teve apenas esse papel de defensora da ordem. Foi neste mesmo período que nasceu o impulso para a paz, para a luz, um humanismo em que o homem peregrino, feito à imagem e semelhança de Deus. Sem dúvida, este foi um período instável em razão da violência política, social, da mistura cultural e da crise econômica. Por outro lado, é pela vivência de escassez, desespero e crise que se criam oportunidades de releitura de uma nova forma de liderar, no qual o cristianismo se vê potente em se firmar e validar-se.

## **2 BREVE HISTÓRICO DE AGOSTINHO DE HIPONA**

Santo Agostinho viveu nos séculos IV e V, momento em que os historiadores consideram como a passagem da Antiguidade pra Idade Média a Antiguidade e a

Idade Média. Se tratando de um momento de transições e mudanças, principalmente um período que fora marcado pela crise do Império Romano, ou seja, pela decadência do poder imperial. Neste sentido, o poder espiritual, vivido e estruturado pela igreja oportunamente valida-se diante da necessidade de propor equilíbrio social. Isso fortalece a o movimento de descentralização do poder imperial. Com a descentralização e a descrença em modelos religiosos até então vigentes, o cristianismo ganha evidência diante dos líderes que agora assumem o poder expandindo, assim suas fronteiras. Neste momento voltaremos nossa atenção para a vida de Agostinho, visto que como cidadão romano ele vivenciou essa mudança que acontecia na sociedade.

A vida de Agostinho de Hipona é tratada em seu livro *Confissões* (397 d.C - 400 d.C ). O livro é visto como uma autobiografia, uma vez que o filósofo aborda o período de sua vida em que ele não era convertido e também narrou como foi esse processo de conversão na fé cristã.

De tal forma me convertestes a vós que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma do século, mas permanecia firme naquela regra de fé em que tantos anos antes me tínheis mostrado a minha mãe (Confissões, VIII, 12, 30).

Segundo Pessanha (1979), Aurelius Augustinus nasceu em 13 de novembro de 354, em Tagaste, na província romana da Numídia, na África. Era filho de Patrício, pequeno proprietário de terras e Mônica, cristã fervorosa. Seu pai, diferente de sua mãe, não era cristão.

A educação inicial de Agostinho de Hipona se passou na mesma região em que nasceu. Com a ajuda de seu pai e um amigo foi enviado para Cartago onde completaria o estudo superior, que era composto pelo o ensino gramática e aritmética, literatura latina e retórica, contudo não tinha muito gosto pelo idioma grego e nunca adquiriu qualquer conhecimento completo do mesmo, neste mesmo período se destacou no ensino de retórica.

No que diz respeito a educação do período em que Agostinho estudou. Segundo Ribeiro (2011), os cidadãos que possuíam a educação clássica eram visto com um diferencial, notamos ai os esforços do pai de Agostinho em manter o filho estudando.

Tanto em Roma quanto em um país de língua grega, o período escolar era dividido em uma escola primária, a partir os sete anos; seguida da secundária, dirigida por um grammaticus, a partir dos onze ou doze anos; e, finalmente, temos o estágio superior, do retórico, geralmente

a partir dos quinze anos se estendendo até cerca dos vinte anos. Na educação primária, as crianças, em geral e por razões de segurança, acompanhadas por um escravo, definido como *paedagogus*, sentavam-se, apoiando seu material de escrita sobre os joelhos, ao redor do mestre, o qual não poderia vangloriar-se de uma ocupação bem remunerada e devidamente reconhecida pela sociedade romana (RIBEIRO,2011, p.18)

É possível observar que a educação começa desde a tenra idade, entre os sete anos até meados dos doze anos a criança frequentava a escola e iniciação a leitura, a escrita e a matemática. A partir dos doze anos, a criança era encaminhada para outro nível de escolarização e com quinze anos, para finalizar faria o estágio superior que se estendia até os vinte anos. Sabemos ainda, que as crianças da educação primária por segurança de seus pais eram enviadas a escola com escravos definidos como *paedagogus*, nesta fase da educação primária as aulas iniciavam-se logo pela manhã e se estendiam até a tarde.

Os estudos secundários eram frequentados geralmente por crianças do segmento dominante da sociedade romana.

Nesse estágio, tal como no anterior, também nota-se a presença tanto de homens quanto de mulheres entre os estudantes. O *grammaticus* goza de uma condição melhor que a do mestre da escola primária, com uma remuneração consideravelmente maior. No que se refere ao ensino, notamos dois aspectos, quais sejam, “o estudo teórico da boa língua e a explicação dos poetas clássicos”, dos quais destacamos Virgílio, Ovídio, Nero, Lucano, Terêncio, Horácio, Salústio e Cícero. Temos, portanto, um estudo metódico e um estudo histórico, o que dá ao estudo da gramática nuances demasiado teóricas, zelando pelo clássico em oposição ao desenvolvimento natural de uma língua (RIBEIRO, 2011, p.19)

Após findar-se a educação secundária, os jovens iriam para o ensino elevado, que era a superior e última etapa da educação clássica.

Era voltada para a arte oratória e sob regência de um retórico (*rhetor* ou *orator*). Este, em relação aos profissionais supracitados, pode desfrutar melhores pagamentos, honras e, por vezes, até altos cargos junto ao Estado. Até o estabelecimento onde atuava guardava certa distinção, pois, mesmo que também ensinasse “à sombra dos pórticos dos foros”, tal como os mestres dos ensinamentos primário e secundário, o retórico dispunha de salas próprias, melhor organizadas e decoradas, onde ensinava a oratória, com suas regras, procedimentos e normas, de acordo com a tradição grega desde os sofistas, sendo a metodologia latina, grosso modo, apenas a transliteração dos manuais gregos. (RIBEIRO, 2011, p.19)

Concluimos nesta etapa que os professores da escola inicial eram inferiormente remunerados, seguidos dos *grammaticus* e que, apesar de ser um salário maior não podiam se vangloriar. Por último, os *rhetor* ou orator, professores do ensino superior reconhecidos pela sociedade, além disso é possível analisar que a escola daquela época era para os que faziam parte de uma classe social consideravelmente alta.

Após explanar a escola da época de Agostinho, retomamos outros aspectos da vida do autor durante sua juventude. De acordo com Pessanha (1979), Agostinho não era um aluno exemplar e antes de se voltar às questões intelectuais sua atenção era voltada para as coisas mundanas, em pequenas más ações pelo puro prazer e o desejo de enfrentar o proibido. Durante seus estudos se deparou com um diálogo do clássico Cícero (106-43 a.C.) que se chamava Hortensius.

Ainda de tenra idade, estudava eloquência, na qual desejava salientar-me, com a intenção condenável e vã de saborear os prazeres da vaidade humana. Seguindo ao programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, quase todos louvam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se Hortensio. Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces transformando as minhas aspirações e desejos (Confissões, I, 3, 4).

O diálogo trazia um elogio à filosofia, e foi o que encantou Agostinho, pois a elegância dessa escrita abriu as portas para o saber agostiniano que pode se voltar para o maniqueísmo<sup>4</sup> e posteriormente para o ceticismo<sup>5</sup>.

No entanto, antes de se dedicar às questões intelectuais, em meados de 370 a. C., com cerca de 17 anos, Agostinho de Hipona morava com a sua amante, com quem teve um filho chamado Adeodato. Este filho faleceu durante a adolescência e não há registro que explicasse o motivo de sua morte. Apesar de sua morte precoce é importante mencionar que a sua existência influenciou Agostinho, a ponto de ele aparecer em suas obras.

Ao final de sua adolescência, antes de completar vinte anos, o futuro bispo de Hipona foi surpreendido pela morte de seu pai e se tornou o chefe da família. Com a

---

<sup>4</sup> Maniqueísmo: O Maniqueísmo é uma filosofia religiosa postulada pelo profeta persa Mani, também conhecido como Manes ou Maniqueu (c. 216-276). Consiste numa concepção do mundo fundamentada em uma dualidade básica entre opostos inconciliáveis: luz e trevas; bem e mal.

<sup>5</sup> Ceticismo: O ceticismo é um sistema filosófico fundado pelo filósofo grego Pirro (318 a.C.-272 a.C.), que tem por base a afirmação de que o homem não tem capacidade de atingir a certeza absoluta sobre uma verdade ou conhecimento específico.



responsabilidade de se tornar alicerce principal de duas famílias, a de sua mãe e a família que construiu com sua amante, voltou para Tagaste dedicou-se a ser professor. Logo em seguida foi transferido para Catargo para ocupar o cargo de professor da cadeira municipal de retórica, aí ele destacou como professor por sua excelência. No entanto, os alunos que frequentavam as aulas iam por cumprir obrigação aos pais e não se interessavam muito no conhecimento. Mestre Agostinho permaneceu neste cargo por nove anos e, em seguida, mudou-se para Roma a fim de encontrar alunos mais tranquilos que teriam interesse no ensino, que iriam para a sala apenas por obrigação e obediência aos pais.

Não me decidi ir a Roma porque os amigos que a isto me solicitavam prometiam maior lucro e mais prestígio, embora estes motivos também me atraíssem. A razão principal e quase única era o fato de ter ouvido dizer que aí os jovens se dedicavam ao estudo mais tranquilamente, refreados por uma disciplina mais severa. Não invadiam desordenada e atrevidamente a sala de aula de um mestre, do qual não eram alunos, nem eram aí admitidos sem sua licença. Em Cartago, a liberdade dos estudantes é completamente desinibida; precipitam-se cinicamente salas adentro, em atitude furiosa, perturbando a ordem que o professor procura estabelecer entre os alunos, para próprio benefício deles (Confissões, V, 8, 14).

Em Roma, lecionou como professor, e após foi para Milão, seguido de sua mãe que visava seu progresso profissional e buscava trazer o filho para o cristianismo. Em Milão, Agostinho ocupou um cargo de professor de retórica. No período da manhã, dedicava-se aos cursos e à tarde percorria as antecâmaras ministeriais<sup>6</sup>. Durante seu período em Milão, por estar em uma categoria superior e pela pressão de sua mãe em ver o filho se tornar cristão, se viu obrigado a abandonar a mulher que amava ficando apenas com seu filho Adeodato.

Assim falava, e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de repente, ouço uma voz vinda da casa vizinha. Parecia de um menino ou menina, repetindo continuamente uma canção: “Toma e lê, toma e lê”. Peguei-o, abri e li em silêncio o primeiro capítulo sobre o qual caiu o meu olhar: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revestivos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (Confissões, VIII, 12, 28)

---

<sup>6</sup> Esta expressão foi encontrada na biografia que antecede a obra de Agostinho de Hipona no livro *Confissões*, escrita pelo autor José Américo Motta Pessanha.

Após esse acontecimento, Agostinho decidiu se tornar cristão, por isso deveria abandonar os desejos mundanos. Iniciou esta nova fase se desfazendo do cargo de professor e se batizou na páscoa junto com seu filho por Ambrósio<sup>7</sup> no dia 24 de abril de 387 d.C.

Comuniquei aos habitantes de Milão que deveriam providenciar para seus estudantes outro vendedor de palavras, já que eu havia decidido dedicar-me ao teu serviço. Além disso, a dificuldade de respiração e as dores que sentia no peito impediam-me de continuar a desempenhar a profissão. Comuniquei por carta a teu santo bispo Ambrósio os meus erros passados e a minha intenção presente, pedindo-lhe que me sugerisse qual dos teus livros eu deveria de preferência ler, a fim de melhor me preparar para receber tão grande graça (Confissões, IX, 5, 13).

Surpreendido pela morte de sua mãe, retornou a Tagaste<sup>8</sup> onde vendeu as propriedades da família, deixando apenas uma residência, a qual em breve fundaria uma comunidade monástica habitada por amigos.

Embora não pretendesse tornar-se padre, após a morte de seu filho Adeodato, com apenas 19 anos, o bispo de Hipona o constrangeu a ser ordenado sacerdote em 391 e, em 395-396, foi ordenado bispo auxiliar de Hipona, tornando-se bispo da diocese (XAVIER, 2019 p. 3).

Agostinho se destacou nessa nova função, mostrou ser hábil administrador, pregador e, acima de tudo, autor, cujos escritos exerceram vasta influência em sua época, como até hoje o fazem, serviu como bispo por quarenta anos.

O fim de sua vida chegou durante um assalto em agosto de 430, de acordo com (CHAMPLIN, 1995), os vândalos<sup>9</sup> destruíram quase toda a cidade de Hipona<sup>10</sup>, exceto a catedral e a biblioteca de Agostinho, que foram deixadas intactas, não encontramos escrito sobre como foi sua morte.

De acordo com a tradição, seu corpo repousa em Pávia, na Itália. Compreender a vida de Agostinho é de suma importância porque sua experiência de vida, influenciou suas obras.

### **3 CONCEPÇÃO DE MESTRE SEGUNDO O INTELECTUAL AGOSTINHO DE HIPONA**

---

<sup>7</sup> “Bispo Ambrósio (339 d.C – 397 d.C) conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao vosso povo” (Confissões, XIII, 23).

<sup>8</sup> Tagaste é antiga cidade da Numídia, no norte da África.

<sup>9</sup> Eram povos bárbaros conhecidos por serem violentos e destruidores.

<sup>10</sup> Hipona era o nome da atual cidade de Annaba, na Argélia.

Neste tópico trataremos da concepção de mestre, segundo nosso autor. Agostinho teve a vida marcada, desde cedo, por momentos de conflitos existenciais, que influenciariam de forma negativa a sua personalidade, vivendo uma vida desregrada e repleta de vícios mundanos. Até sua conversão, o autor vivia imerso em um sentimento de vazio existencial, durante seus estudos ele percebeu que precisava de algo além OLIVEIRA (2013).

Em algumas obras o autor aponta como deveria ser a educação cristã dos homens daquela época, visando sua formação como um todo. O autor evidencia, em seus escritos, a importância do papel Deus e do papel do Homem na busca pelo conhecimento. Deus era para ele concebido como o verdadeiro mestre, o mestre interior, quem ensinava verdadeiramente, possibilitando que os homens chegassem à verdade, dentro de si (SOUZA, 2013). No entanto, para que o homem conseguisse compreender a verdade ensinada, por Deus, seria preciso que ele passasse por um processo educativo.

Este processo era incumbência dos mestres terrenos. De acordo com Agostinho o professor deveria, por meio dos sinais exteriores, ensinar o homem a se voltar para sua interioridade e assim encontrar e ser instruído pelo verdadeiro mestre, Deus.

Mas o que depois haja nos céus, no-lo ensinará Aquele que também, por meio dos homens, nos admoesta com sinais, e exteriormente, a fim de que, voltados para Ele interiormente, sejamos instruídos (*De Magistro*, XIV, 113).

Neste contexto, observamos uma certa pirâmide ou hierarquia na qual, segundo (Souza, 2013 p.101):

“Deus tem a responsabilidade de possibilitar o conhecimento ao homem; o mestre terreno tem a função de auxiliar o homem a chegar a esse conhecimento e compreendê-lo; e o discípulo precisa direcionar sua vontade para que possa visualizar, em seu interior, a Verdade”.

Para que este conhecimento ocorresse, um dos sinais externos que o autor apontava seria a busca da compreensão das palavras divinas que implicava no conhecimento. Esse aspecto das formulações de Agostinho é bem relevante porque se o homem não tiver o domínio da leitura, se tornar incapaz de ler e compreender as escrituras.

Ao apresentar um roteiro de como se tornar cristão, Agostinho nos brinda com um verdadeiro programa de estudos, necessários, em

nosso entender, para qualquer aprendizagem e que independe da época em que o estudo se realiza. O autor destaca a importância da linguagem, do conhecimento da escrita, portanto, das letras, da necessidade do aprendizado do cálculo, de se entender a música, de se conhecer as instituições nas quais e para quais se realizam determinados estudos, de se conhecer a língua na qual o estudo está sendo realizado (OLIVEIRA 2008, p. 6).

Oliveira (2008) observa que sem os conhecimentos básicos, o homem fica à mercê de acreditar nos que é falado, sem ter a autonomia de questionar. Para além disso, Santo Agostinho discorreu sobre a necessidade de conhecer tanto as línguas, quanto o *Trivium* (dialética, gramática e retórica) e o *Quadrivium* (geometria, a aritmética, a astronomia e a música).

Para Agostinho, a fala e a escuta são sinais externos imprescindíveis para que ocorresse o ensino, ou seja por meio do diálogo se busca ensinar e aprender. No entanto, a fala era aprendida pela convivência com as pessoas a sua volta e não por um método no qual se ensinava o homem a falar.

Compreendi mais tarde como aprendi a falar: não eram os adultos que me ensinavam as palavras segundo um método preciso [...] era eu por mim mesmo, graças à inteligência que tu, Senhor, me deste, era eu que procurava, através de gemidos, gritos diversos e gestos vários, manifestar os sentimentos do coração, para que fizessem minhas vontades (*Confissões*, I, 8, 13).

Assim, a linguagem teria um papel fundamental, para o mestre Agostinho, pois seria por meio dela que os homens expõem suas necessidades e dialogam sobre suas aflições.

Em um diálogo com seu filho Deodato, Agostinho explicitou sobre a importância da linguagem, uma vez que os mestres terrenos SOUZA (2013) a utilizariam para se expressar e transmitir, aos seus alunos, o conhecimento.

AGOSTINHO — Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

ADEODATO — Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender.

AGOSTINHO — Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender?

ADEODATO — Mas, então, de que maneira pensas que se possa aprender, senão perguntando?

AGOSTINHO — Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, dize-me, interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que queres àquele a quem perguntas?

ADEODATO — Dizes a verdade.  
(*De Magistro*, I, 13).

Podemos observar a distinção entre o aprender e o ensinar, as palavras são sinais que trazem em si um sentido, ou seja, de não mostrar as palavras pelas próprias palavras, sem significado algum. Por meio delas podemos nos comunicar, podemos estimular o outro a buscar algum conhecimento e podemos contra-argumentar uma ideia. Vale ressaltar que o autor ao salientar a importância da linguagem e utilização do método dialético como recurso indispensável para o processo de ensino-aprendizagem, nos revela a importância dos ensinamentos de Agostinho, nos dias atuais ERZINGER (2016). Outro ponto a ser destacado é que diante dessas considerações o mestre terreno com mais experiência é o que deveria ensinar os mais novos, porém este com mais sabedoria não deteria um conhecimento pronto e acabado, pois a aprendizagem, desde sempre, é um processo que não possui fim, estamos em constante mudança.

No decorrer do diálogo, o autor ressaltou que existia outros sinais, gestos visuais, que indicariam ação que têm um sentido e poderiam ser utilizadas no processo de ensino aprendizagem, Adeodato questionava Agostinho tentando dizer que não seria possível falar sem o uso de palavras. Em contrapartida, Agostinho deu o exemplo da linguagem dos surdos, e dos histriões nos teatros.

AGOSTINHO — Mas nunca viste como os homens conversam com os surdos por meio de gestos, e os próprios surdos também por gestos ou perguntam ou respondem, ou ensinam ou indicam tudo o que querem, ou, pelo menos, quase tudo? Se é assim, então não se mostram sem palavras apenas as coisas visíveis, mas ainda os sons e os sabores e as outras coisas semelhantes. Também os histriões, nos teatros, expõem sem palavras e interpretam representações inteiras, na maioria das vezes com gestos pantomímicos.

(...) AGOSTINHO — se eu te perguntasse o que é caminhar e tu te levantasses e fizesses aquela ação, não usarias da própria coisa para ensinar-me isto, em vez de palavras ou de outros sinais?

ADEODATO — Confesso ser assim, e me envergonha não ter percebido uma coisa tão evidente, a qual me traz à memória milhares de coisas, que valem por si mesmas, e não pelos sinais com que se mostram, como sejam: comer, beber, estar sentado, ficar de pé, gritar e inúmeras outras (*De Magistro*, III, 27- 29).

O diálogo prossegue ao ponto que Agostinho questiona o filho, para que lhe fizesse um resumo sobre o que versavam até o momento, Adotado não hesita e logo discorreu sobre as distinções que foram dialogadas entre eles.

Com isto ficamos avisados de que: ou se mostram sinais com sinais ou, com sinais, se mostram outras coisas que sinais não são, ou então, sem sinal podem mostrar-se as coisas que podemos fazer depois de interrogados: e, desses três casos, detivemo-nos a considerar e discutir com mais minúcia o primeiro. Em resumo ficou esclarecido que existem sinais que não podem, por sua vez, ser significados pelos sinais que eles significam, como acontece no caso do quadrissílabo "coniunctio "(conjunção); ao passo que existem outros que, ao contrário, o podem, como quando dizemos "sinal" e entendemos significar também "palavra", pois sinal e palavra são dois sinais e duas palavras (sinal-palavra, palavra-sinal) (*De Magistro*, VII, 68-69).

Nestes primeiros capítulos chegamos à conclusão de que ensinamos por meio de sinais, e isso também acontece quando observamos ações que podem ser realizadas após determinados requisitos como correr, caminhar, sentir e falar.

ADEODATO – Eu, na verdade, pela admoestação das tuas palavras aprendi que estas não servem senão para estimular o homem a aprender, e que é já grande coisa se, através da palavra, transparece um pouquinho do pensamento de quem fala. Se, depois, foi dita a verdade, isto pode ensinar somente. Aquele que, falando por fora, avisa que habita dentro de nós; Aquele que, pela sua graça, hei de amar tanto mais ardorosamente quanto mais eu progredir no conhecimento. Mas nos confrontos dessa tua oração, que usaste sem interrupção, sou-te grato particularmente por isto: que ela previu e resolveu todas as objeções que estava preparado para fazer e nada foi por ti descurado daquilo que me tornava duvidoso e sobre o que não me responderia assim aquele secreto oráculo, como foi afirmado pelas tuas palavras (*De Magistro*, XIV, 113).

Santo agostinho por meio do diálogo com seu filho, nos revelou que é imprescindível o conhecimento das palavras se percebemos os seus significados. Pelos ensinamentos do mestre, depreendemos que não aprendemos pelas palavras ditas exteriormente, mas pela razão e intelecto de nossa mente, na qual há uma luz interior que nos guia no conhecimento das coisas e das palavras.

É importante destacar que a vastíssima obra de Agostinho nos concede uma rica contribuição para a educação. Isso porque o diálogo que tem como interlocutor pai e filho evidencia a importância da linguagem, as diversas formas de comunicação, o ensino e o aprendizado. Para santo Agostinho, não são as palavras que ensinam ao serem pronunciadas, mas sim a verdade interior (ERZINGER, 2016 p.68).

Diante destas considerações, a forma de viver dos homens, ou seja, dentre as coisas existentes no mundo, temos então as que são para serem fruídas, isto é, usufruir-se delas, e tem as que são para serem utilizadas. Das coisas para serem fruídas, o autor indica o amor de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo como uma delas. Já as demais coisas, devem ser utilizados, pelos homens com sabedoria para chegarem até Deus.

Agostinho de Hipona trata o ensino humano como o instrumento daqueles que almejam o conhecimento e os escritos sagrados como a condição para se chegar a Deus, também pela palavra.

A respeito da interpretação das Escrituras existem certas normas que me parecem poder ser ensinadas com proveito aos que se dedicarem ao estudo. Assim, poderão eles progredir não apenas lendo obras de outros que esclareceram as obscuridades dos Livros santos, mas ainda progredir, com os esclarecimentos que eles próprios poderão dar a outros. Proponho-me a comunicar essas normas aos que desejam e são capazes de aprendê-las (*Doutrina Cristã*, 2002, p. 27)

Diante disso, o mestre Agostinho observa que uma vez ensinado ao homem o conhecimento das instruções para que ele chegue as Escrituras, esse conhecimento permitiria ao leitor uma autonomia necessária para que ele próprio pudesse se desenvolver.

Desse modo, diz Santo Agostinho, o êxito do ensino depende em boa parte do professor que deve trabalhar com alegria, pois isso ajuda os alunos a se tornarem receptivos, e torna a exposição agradável. Às vezes, pode acontecer que haja entre os alunos alguns muitos eruditos e que, por alguma razão, se tornaram ouvintes. Nesse caso, o professor não deve preocupar-se. Fale, como se estivesse a lidar com pessoas que ignoram o assunto das lições; toque de leve nos temas já conhecidos e exponha com calma o que, de regra, se propõe aos incultos e aos ignorantes. Desse modo, o aluno erudito não deixa de tirar proveito da aula, uma vez que relembrou o que sabia e aprendeu algo que ignorava (NUNES, 1978, p. 222).

Para Agostinho de Hipona, o professor deveria proporcionar o despertar de uma curiosidade para aqueles que se dedicassem a arte de estudar com responsabilidade. Assim, aprendemos com o mestre Agostinho que o discurso de quem irá ensinar deve ser rico em sabedoria, propriedade do que será dito, e equilíbrio pois irá ensinar desde pessoas que já estudam e outras que pouco entendem sendo assim cabe ao mestre dosar seu discurso entre assuntos novos e retomadas, para

que não entedie um nem falhe com o outro. Mas sim, mantenha vivo o interesse e a atenção dos dois.

A nosso ver, precisamos estar atentos ao que falamos pois o que dizemos diz muito sobre quem somos e é isso que ensinamos. Nossos gestos ensinam na mesma medida por serem símbolos que transmitem o que não é dito com palavras. Portanto, a linguagem é o meio mais eficaz de se ensinar, e para que produza mudanças positivas nos homens ela precisa estar alinhada a um conteúdo que faça do homem semelhante a deus, ou seja, de grande valor.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Agostinho de Hipona foi um importante bispo, teólogo e autor de sua época e suas influências permeiam até os dias hoje. Após uma infância e juventude carregada de incertezas e aflições teria encontrado nas sagradas escrituras uma resposta para todas as suas indagações. Para o autor, o homem deveria conhecer a Deus e recorrer a ele sobre todas as coisas, mas para que isso acontecesse o homem necessitava que alguém lhe ajudasse a encontrar o seu interior pois é na alma que a verdade, iluminada por Deus estaria.

Segundo ele, o objetivo principal do professor ou do mestre terreno, é de auxiliar o homem nesse processo estimulando, por meio de suas palavras, seus discípulos a se voltarem para seu interior, para que ali, em sua alma, pudessem encontrar o conhecimento.

Outro ponto importante diante do momento em que o autor vivia é sobre a importância do conhecimento, para compreensão da sagrada escritura. Se faltasse ao homem o conhecimento sobre as coisas, logo, este não teria condições para compreender as regras de convivência.

Diante dos fatos, concluímos que o professor tem um papel fundamental, que se reflete em toda a sociedade. Um aspecto importante desse estudo incide no fato de que mesmo escrevendo em um tempo tão distante do nosso, os ensinamentos de Agostinho ainda são válidos para os dias atuais um exemplo é a forma como o autor aponta a responsabilidade do homem em ser professor visto que para ele o mestre era responsável por ensinar outros homens, e nos dias atuais essa profissão demanda



também responsabilidade visto que o professor em sala de aula a partir de seus ensinamentos irá influenciar seus alunos.

O mestre/professor necessita ter atenção e dedicação para sua função, visto que será responsável por transmitir o conhecimento, instigar o aluno a buscar esse conhecimento, conduzindo-o, avaliando-o e executando experiências para que o aluno consiga alcançar o conhecimento de forma íntegra. Ressaltamos que o professor, além das características mencionadas citadas, deverá trabalhar questões relacionadas ao amor, fraternidade, dignidade, solidariedade, responsabilidade, ética e outros valores fundamentais para a convivência do ser humano na sociedade.

Os profissionais da área da educação têm a necessidade de sempre estarem em busca de novos saberes, reformulando seus conceitos com o objetivo de oferecer uma educação de qualidade, dedicando-se a preparar e possibilitar ao homem situações de aprendizagem.

## 5 REFERÊNCIAS

### Fontes

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. Tradução: Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo : Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Tradução: Felipe Denerdi. 1. ed. Campinas: Kirion, 2017.

### Estudos Historiográficos

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001..

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. v. 1, A-C. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995.

ERZINGER, Tatiane Palmiéri. **As reflexões de Agostinho em De Magistro: contribuições para a formação docente**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, 2016.

Le GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, Sp: Edusc, 2005. Tradução José Rivair de Macedo.

NUNES, R. A. C. Santo Agostinho e a educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: EPU, 1978

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. **Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade** / Janduí Evangelista de Oliveira. – Recife: O autor, 2013.

RIBEIRO, Marcelo Oliveira. **O PROCESSO PEDAGÓGICO EM AGOSTINHO DE HIPONA: UMA LEITURA**. Orientador: Roberto Hoffmeister Pich. 2011. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PORTO ALEGRE, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2876/1/433745.pdf>. Acesso em: 20 março. 2021.

SOUZA, Mariana Rossetto de. **Santo Agostinho e a educação: a caminhada do homem em busca do mestre interior**. S729s. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

XAVIER, Erico Tadeu. **Agostinho de Hipona e a história do cristianismo: breve estudo de sua vida, influência e teologia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 05, Vol. 01, pp. 25-40. Maio de 2019. ISSN: 2448-0959